



Chico Lopes
O ABRAÇO DOS CEGOS

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2018



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
E. P.

ARTE DE CAPA
O significado da noite, óleo sobre tela (1927) – Rene Magritte (1898-1967)

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L864P LOPES, CHICO. 1952-
O ABRAÇO DOS CEGOS / CHICO LOPES -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2018.

126 P. : 21 CM.

ISBN 978-85-5833-320-7

1. CRÔNICAS I. TÍTULO

CDD.: B869.8

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

UMA ESTRANHA XÍCARA

Prezado leitor:

Há referências imprecisas de historiadores dedicados à Antiguidade, pouco conhecidos e, talvez, pouco confiáveis, acerca de um curioso templo existente na mais antiga Grécia. Iam à sua busca, pelos acidentados caminhos do mundo grego, aqueles que pretendiam um conhecimento profundo de si mesmos, pois era essa a dádiva prometida pelas belas sacerdotisas aos peregrinos que lá aportavam.

De longe, num altiplano que descia até a beira-mar, avistavam-se as colunas esverdeadas do grande pórtico. O viajante parecia reerguer-se sobre suas parcas forças tão logo deparava a monumental obra arquitetônica.

Grande surpresa, todavia, o aguardava. Após a longa e íngreme trilha pedregosa, não se encontrava propriamente um templo, mas apenas um gigantesco portal, com as conhecidas escadarias e colunas de mármore. Do lado posterior, apenas um pátio circular onde os extenuados



visitantes se sentavam para matar a sede na fonte ali providencialmente existente, descansar e meditar.

O poder enigmático desse monumento se manifestava precisamente ao cruzar o pórtico. Ao fazê-lo, o peregrino se via tomado de inaudita emoção: ele se descobria a si mesmo no que sempre fora, no que era seu, nas suas mais intrínsecas vértebras e vísceras. Algo profundo e extenso, que ao longo da vida fora sendo camuflado pela aluvião dos dias comuns, rebrilhava agora em toda opulência e crueldade. Ele se via a si, íntegro e recomposto, mesmo que de partes desde muito abandonadas, mesmo que de sensações e sentimentos que nunca os tivera como seus, mas, tão humanos se constituíam, que, de fato, os teria tido nessa estranha, miraculosa e perversa ideia de pôr-se no lugar do próximo, para amá-lo ou odiá-lo. O viajante encontra-se a si em si e no outro: um encontro de tudo o que, sendo estupendo ou bruto, pródigo ou mesquinho, esculpe o cerne humano, do pó ao pó, da misericórdia ao diabólico.

Essa alegoria – marca de uma profunda marca humana – recai, agora, sobre vós, prezado leitor – advirto-vos! – ao cruzar esse mágico pórtico que é, definitivamente, a obra que tendes em mãos. Obra desse gigante fantástico, o escritor Chico Lopes.

Sim, ao seguir a trilha dos escritos aqui reunidos, crônicas ou aquarelas de carne viva, ao final, já sereis muito mais vós mesmos e, ao mesmo tempo, já sereis outro, mais



amplo em vós, mais grandioso e fatídico, na condição absurda que a humana existência a todos confere.

Não se trata, aqui, de uma escrita de fora, impressa em páginas como em um livro qualquer. As letras que se alinham para formar as palavras, as frases, os sentidos, são cristais cortantes a compor mosaicos sobre os quais o leitor deverá caminhar, reconhecendo o quanto viver em si e no outro é dilacerar pés e ilusões, deixando sulcos que sangram ao sabor das lembranças, dos exílios caseiros, dos reencontros risíveis.

“Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara./ Sem uso,/ ela nos espia do aparador”. É precisamente essa estranha xícara dos versos de Drummond que Chico Lopes nos traz aqui, nesta colagem de textos magníficos – entre agonias e estupefações – idealização do calvário e da redenção: um tesouro de milagres e espinhos.

Luiz Almeida

Escritor, publicou o romance “O mar no vidro”.

Mineiro de Rio Preto, reside atualmente em Juiz de Fora (MG).



O ABRAÇO DOS CEGOS

Olhar para fora, à procura de um sinal que nos liberte de nós mesmos, às vezes é olhar para o mais opaco dos muros. Sim, existe uma clausura, um limite de chumbo imposto às intenções de sairmos de nós. Mas tão forte quanto a clausura é o desejo de fugir dela. Esta urgência de libertação só passa despercebida aos outros porque todos nós sofremos um treinamento social ininterrupto para ignorar-nos mutuamente com cuidado e cumprimos-lo à risca, pagando muito caro em solidão por isso.

Por esse desejo desesperado de escapar, muitas loucuras são cometidas (e muitas delas em nome do amor, que é a forma mais usual de a gente se arremeter contra o muro, na esperança de rompê-lo). Munindo-se de lucidez, um filósofo pode atacar o problema com mais honestidade (e desconsolo). Mas abordar a clausura, mesmo com a inteligência mais clarividente, não implica em extirpá-la e sim em revolvê-la sob todos os ângulos sem nunca atingir seu mais íntimo mecanismo de sombra.



O fato é que somos universos a anos-luz uns dos outros e, quando nos roçamos, a faísca que se produz é no mais das vezes atrito, não harmonia. Esta é a origem do culto da solidão preconizado por Proust, Virgínia Woolf, Clarice Lispector – a perplexidade de que um homem nunca se sintonize adequadamente com o outro, a estupefação com o fato de que não nos assemelhemos a ninguém e de que todas as relações sejam uma espécie de compromisso forçado para o espírito, uma opressão bem ou mal disfarçada. É duro olhar para o fundo de nós e notar que temos bem pouco em comum com quem quer que seja. Afinidades são constituídas em grande parte por complacências.

No entanto, não há saída pelos fundos, nossa solidão não nos pode conduzir senão a ela mesma. O salto para o Outro é a coisa mais desejada e evitada do mundo. Vivemos por um triz do conhecimento recíproco, mortos de curiosidade pela incógnita alheia, mas o “triz” é minado por obstáculos de toda ordem. Há bom senso demais apartando-nos da salvação. E ela não surge pela introspecção, pela autoanálise, escavação exaustiva de um solo morto. O eu sozinho é território franqueado a todos os delírios da vaidade, todas as bizarrices de uma falsa onipotência erigida no vácuo faminto. Por outro lado, uma vida social intensa é o meio mais seguro para não se chegar a lugar nenhum.

Mas se estamos no caminho mais escuro, se somos apenas treva pura e presunção, será forçado acreditar que tamanho breu não pode existir sem sua contraparte lógica

de claridade? Deve haver promessas secretas em nosso interior; do contrário, não sobreviveríamos, não duraríamos tanto neste lugar que, convenhamos, é o deserto. Percorrer este deserto é a nossa missão, mesmo que não a aceitemos por longo, longo tempo. Conscientemente, só temos infinitos de areia, pedra, cacto, sol absurdo e, a certa altura, até as miragens nos faltam. Tudo não passa de um projeto ou uma ânsia, mas nos impele a, cegos, tatear, tatear indefinidamente.

Um dia tatearemos não pedra, espinho e pó, mas algo finalmente humano: um rosto. Aos poucos, roçando-o, arranhando-o, apalpando-o na obscuridade, movidos mais pelo antigo desejo do que por qualquer certeza, adivinharemos: é o rosto de outro cego. E o que ele fará, por seu lado, também será apalpar-nos, roçar-nos, arranhar-nos, adivinhar-nos. Assim, exaustos e reconhecidos, rosto a rosto, acabaremos abraçados. Não curados da cegueira, mas finalmente redimidos por outra espécie, totalmente imprevisível, de visão.

O PAREDÃO E A APOSTA

Maturidade é talvez percepção de que a vida está se encurtando e de que tudo que antes era prodigalidade, desperdício, leviandade da força, deve ser agora recuperado com a densidade da síntese. Pois a síntese é a necessidade de se organizar a vida vária, dispersiva, ociosa, numa direção ainda mal definida (parece que o alvo de qualquer coisa jamais ficará claro) e numa ordem nova, capaz de unificar os fantasmas difusos do desejo. A síntese é uma luta contra o tempo e um tributo à densidade do momento. A síntese é a esperança resumida num gesto. Único, vigoroso, abrangente.

E, no entanto, sempre sobra o que dizer e falta o que sentir.

O universo é uma síntese em pedaços, um conjunto inquieto a que falta nossa colaboração não para que se complete, mas para que avance em direção a si mesmo.

Achar as palavras justas para o queremos dizer é uma alegria. A alegria do criador está aí: ele pode dizer,





www.editorapenalux.com.br



chico.lopes52@gmail.com



[/facebook.com/chico.lopes.75](https://facebook.com/chico.lopes.75)